

SELVAGEM¹

Vicente de Carvalho



[101]² Chegando ao porto do Buracão, no canal da Bertioga, a canoa parou, encostada ao barranco. Serafim ergueu o amolachado baú de folha, pô-lo em terra. Em pé na borda, com a mão esquerda apoiada no chão, a direita agarrada a uma touça de capim, balanceou o corpo, firmou o pulo, saltou.

— Adeus, todos! — disse, dirigindo-se ao patrão e aos remeiros.

— Até um dia, sargento! — responderam.

A embarcação largou, os pesados remos de voga bateram na água. Ficando só, na solidão daquela furna apertada entre morros e apenas aberta para o canal, Serafim relanceou em torno um olhar pensativo. O terreno descia, ondulando levemente, até achatar-se de todo em estreito brejo, que uma gamboa cortava. Num velho rancho, cujo teto de palha se apoiava sobre estacas empoladas de craca e fincadas na lama da gamboa, três ou quatro canoas descansavam em seco sobre estivas de juçara. Destacando-se da confusa [102] vegetação baixa, quase anônima, uma grande figueira,

¹ CARVALHO, Vicente de. *Selvagem*. In: *Luizinha*. São Paulo: Monteiro Lobato, 1924. p. 101-128.

² Os números entre colchetes correspondem aos números das páginas da referência.

enraizada na barranca, dependurava dos galhos estendidos sobre o canal ninhos de guaxes; um jarová, muito esguio, deixava pender do alto, com um ar de desânimo, a sua folhagem desbotada e frouxa de coqueiro desterrado no brejo; adiante, uma copada fronde de ipê, meio dourado das primeiras flores, rumorejava de um bando de gralhas assustadas que revoavam e gritavam com voz irritada...

Serafim reconheceu os morros, o pequeno varzedo ondulante, a gamboa lamacenta, o velho rancho, as velhas canoas, a grande figueira, o jarová solitário, o ipê dourado... Ali estava, ao sopé de um morrote, a entrada do caminho da praia, rasgada no mato, entre moitas de taquaruçu, numa pequena subida de areia solta...

Com um gesto lento, preso à contemplação comovida das coisas, outrora familiares e que agora revia depois de tanto tempo, Serafim ergueu o baú para o ombro. Deu alguns passos vagos, de distraído. E, desprendido, afinal, galgou a pequena subida, enveredou resolutamente pelo caminho. Havia cinco anos que se fora. O trilho que seguia ia-lhe despertando, em todas as minúcias, a lembrança do funesto dia em que ali [103] passara pela última vez, aterrado recruta, algemado, entre quatro soldados.

Recompunha mentalmente aquele trecho, rápido e violento como um tufão, do seu passado: pela madrugada, antes de clarear o dia, haviam batido à porta do velho Antônio do Monte, seu padrinho, com quem Serafim ficara vivendo desde que, aos nove anos, uma epidemia de bexigas lhe levara os pais. Antônio do Monte tinha saído, à noite, para o mar; Serafim estava sozinho em casa. Acordara, abrira a porta, imaginando que seria o pescador, já de volta. E, ao surgir entre os batentes, espreguiçando-se, tonto de sono, quatro soldados haviam-no brutalmente agarrado, subjugado, algemado.

Pensando agora no seu assombrado terror de então, terror de ser soldado, terror da farda, do quartel, da guerra, Serafim teve um assomo de veterano; alçando a cabeça, cofiando o bigode, murmurou entre dentes:

— Coisas de paisano.

Feito, porém, esse comentário todo atual, restituiu-se à simples recordação daquele momento, cheio de emoções e já longínquo, de sua vida. Os soldados — três praças e um cabo — não lhe haviam dado tempo de nada. Empurraram-no para diante, dirigindo-lhe [104] graçolas, que ele, cabisbaixo e atordoado, mal ouvia. Não pudera despedir-se de ninguém, a não ser de dois ou três madrugadores que abriam as portas enquanto ele passava e que, espantados e pesarosos, atiravam-lhe palavras de coragem com voz comovida e gestos de desalento.

Fora assim, esmagado e tonto, por todo o pedaço de várzea semeada de casas. Ao chegarem, ele e a escolta, ao alto do morro, vinha amanhecendo. Do mar largo subia pelo céu aquele desdobramento de ouro que vem logo adiante do sol. Na claridade em que o lusco-fusco se adelgava, tudo aparecia como através de uma gaze cor-de-rosa.

Pararam um momento e voltaram-se: os soldados, para apreciarem o largo, formosíssimo panorama desenrolado embaixo; ele, para olhar pela derradeira vez a praia onde nascera e onde vivera até então, as coisas queridas que não contava ver nunca mais.

Lá embaixo, a notícia de sua prisão correra já, sem dúvida, de casa em casa. Apinhavam-se nas portas os moradores. Ele percebera-o confusamente, no relance em que seus olhos vagaram na procura da casinha branca, entre pitangueiras, para o canto da praia, onde morava a sua noiva. Distinguiu Thereza entre os pais e os irmãozinhos. [105] A moça, num gesto

desconsolado, dizia-lhe adeus, acenando com um lenço. Numa alucinação que suprimia a distância, pareceu a Serafim ver, nas faces morenas de sua noiva, dois claros fios de lágrimas...

Viera-lhe então um arranco de não seguir, de fincar os pés no chão, brigar com os soldados, acabar com a vida ali mesmo. Mas, de repente, o cabo, farto do panorama, empurrara-o, dizendo-lhe com voz áspera e firme:

— Siga, camarada. Aquilo acabou. Agora, é meia volta à direita, marche para o Paraguai. E ande liso, se não quer entrar em muita lambada.

A frase dura do cabo — “Aquilo acabou!” — ecoara-lhe dolorosamente no coração. De chofre, ele sentira a verdade terrível daquelas palavras. Tudo estava acabado. Thereza lá ficara, perdida para sempre, para sempre... Uma repentina, escura certeza de não voltar nunca mais esvaziara-lhe em sombra a vida, como numa noite que não devesse ter fim... A angústia enchera-lhe o peito, asfixiando-o quase: e subira, explodira-lhe a garganta, num soluço, um só soluço, sufocado, supremo.

Arrancando a custo os olhos do vulto de Thereza, que acenava sempre ao longe e assim lhe mandava num gesto de carinho o [106] derradeiro adeus, ele depusera no último olhar o coração todo; e, baixando a cabeça, seguira, sem vontade, tomado de um desespero inerte, num desanimado abandono de si mesmo.

De então por diante, nenhuma revolta, mais nenhuma veleidade de insubmissão contra o destino que o empolgava. Fora calado e sucumbido até o Buracão. Só aí, em condições tocantes que lhe reapareciam agora esfumadas, como de muito longe, na lembrança, dissera as primeiras palavras.

A canoa, levando-o recrutado, afastara-se já de terra, as primeiras remadas tinham caído na água, quando, na beira do barranco, surgiu o seu cão, o Perdido. Em meneios aflitos, alongando o pescoço, ora erguendo a cabeça, ora roçando a areia com o focinho, correndo de um lado para outro, farejando em vão um caminho que não havia, pusera-se o cachorro a gemer e a ladrar, em uivos roucos e incompletos, entrecortados de latidos de cólera e de revolta. Afinal, numa súbita decisão, atirara-se ao rio e nadara na esteira da canoa.

Serafim, mesmo algemado, pudera agarrá-lo, suspendê-lo até a borda, embarcá-lo. Mas Perdido, sacudindo alegremente o pelo encharcado, borrifara de água as calças do cabo; e este, furioso, agarrando-o pelo pescoço, [107] arrojara-o de um tranco ao meio do rio, resmungando:

— Sai, peste! Olhem que Voluntário da Pátria ia a gente levar para o quartel.

Serafim intercedera então pelo cachorro, perguntando se não poderia levá-lo consigo.

E o cabo a rir:

— Ora, o bruto do caiçara querendo entrar para as fileiras já com ordenança atrás...

Todos riram, menos Serafim, que embatucara, remergulhado no seu silêncio e no seu desespero.



Serafim entrou com uma indiferença resignada para a vida do quartel, e, pouco depois, para o batalhão do norte, de passagem por Santos, e em

cujas fileiras seguiu para o Paraguai. A pouca expansibilidade nativa, tornada mais áspera, mais sorumbática, pelo retraimento vagamente rancoroso do seu desespero, isolou-o no amálgama do batalhão, composto de nortistas prosas, entremeados de caipiras de serra acima.

A pouco e pouco, perdeu quase o uso da fala. Embotou-se-lhe a sensibilidade. O seu coração selvagem fora sempre como esses rudimentares urucungos dos negros da Costa, que só têm uma corda e só vibram de um [108] som. O sentimento que o dominava absorvia-o todo. Outrora, na longínqua praia natal, a sua vida de adolescente fora, em todas as circunstâncias, em todas as situações, um reflexo de amor de Thereza, como esses rios que correm num chão levemente ondulado de campo, enroscando-se em barrancos, tropeçando em pedras, espreado-se em brejos, mas refletindo sempre, em todas as suas curvas desiguais, o azul do céu.

Arrancado bruscamente àquele sentimento que lhe fazia amar a vida, cheia dele, só ficou em seu coração apagado, incapaz de nuances, um negro, absoluto desespero. Nem conseguiram sacudir-lhe os nervos, fazê-lo vibrar numa emoção, as primeiras balas que lhe zuniram ao ouvido, vindas do meio de macegas e do fundo da noite, num posto avançado do Passo da Pátria. Ele ouvia-as passar, sentia-as ameaçadoras, contava que alguma de repente o matasse... E mais nada. Acabar logo ali ou acabar pouco adiante, não era tudo a mesma coisa?

Atravessou assim, alheio e indiferente, por acampamentos e batalhas, na vagarosa marcha de cinco anos que foi a guerra do Paraguai. Só nas lutas corpo a corpo, nas cargas de baioneta calada, nas carnificinas à arma branca, deixava de bater-se maquinalmente, por simples obediência aos toques

[109] do clarim. Assaltava-o, então, furiosamente, a embriaguez do cheiro e da vista do sangue. Um desses momentos, em que era terrível de arrojo, dera-lhe as divisas de sargento — divisas que ele recebeu com a mesma indiferença com que receberia um castigo ou uma bala.

Para os últimos tempos da campanha, começou a seduzir-lhe o espírito, esboçada vagamente, a ideia de voltar. Mas o seu desânimo, profundamente arraigado, resistiu. É verdade que as balas eram já então bem mais raras do que nos alagadiços de Tuiuti, nas barrancas do Itororó, nas trincheiras de Curupaiti ou de Curuzu. Mas, pipocando de longe em longe, em frouxos tiroteios, em rápidos combates logo decididos, ainda assim matavam, abriam aqui e ali, ao acaso, um claro nas fileiras, varando um peito, despedaçando um crânio. Serafim fora ferido em vários rencontros e escapara à morte; batera-se, durante quase cinco anos, em cem combates, e estava vivo. Apesar disso, na obsessão da ideia que trouxera de que vir para a guerra era vir para a morte, contava certo que a sua vez chegaria de ficar, enfim, estendido no campo, como outros que ele via a cada passo caírem, e ficarem, deixando para sempre vago o seu lugar nas fileiras e na vida.

[110] E, depois, a duração da campanha aparecia-lhe, para o futuro, indefinida, alongada para além, muito para além dos limites razoáveis da sua existência. Não, decididamente era loucura o pensamento de voltar, quando, devagar, mas incessantemente se marchava para diante, para diante sempre, dos esteiros para os campos, dos campos para as cordilheiras, e nas cordilheiras, desdobradas sempre para mais longe, de serra em serra, de cada trincheira tomada para outra trincheira que surgia do chão...

Aos poucos, porém, a resistência do seu desânimo foi cedendo à evidência. Os destroços do exército de Lopez, bandos de maltrapilhos, mal fugiam já: caíam aos pedaços, despencando, pelos trilhos onde se tresmalhavam acossados de perto, os seus soldados imberbes, nos andrajos de fardas esfarrapadas, desmaiados de cansaço e de fome... Era o fim.

O desenlace da guerra, no Aquidabã, encontrou Serafim já restituído à esperança de um regresso próximo, entregue de todo à preocupação do seu amor, que ressurgira numa explosão luminosa de um fundo, vazio desespero de cinco anos.

[111] E agora ali estava ele caminhando para Thereza, vencendo os últimos trechos do caminho que desembocava na praia. Daí a meia hora, quando muito, tornaria a encontrar a noiva, amada e carinhosa, que por tanto tempo julgara perdida para sempre. Imaginava-a, em todas as minúcias da formosura, como a deixara: o rosto levemente moreno com um tom rosado de jambo maduro; os olhos úmidos e vivos, muito negros, fitando-o com uma ternura que mostrava a alma; os lábios rubros, de um sorriso tão claro e tão meigo e cujo beijo devia ser tão saboroso... Vinham-lhe à lembrança os contornos do corpo de Thereza, os seios redondos que espontavam sob a alvura indiscretamente amoldada da camisa... Deliciava-se de a supor a mesma em todo o conjunto dos seus encantos. Talvez mais alta; deixara-a com quinze anos, vinha encontrá-la com vinte. Procurava adivinhar as primeiras palavras que ela lhe diria na perturbação da surpresa, na alegria de o tornar a ver... E logo, logo, o dia do casamento marcado, um noivado curto, a benção do padre — e o resto da vida na felicidade do amor, entrelaçados ambos para sempre, estreitamente, de corpo e de alma.

[112] Casualmente, os olhos do ex-soldado pousaram num jarová meio debruçado sobre o caminho, por cujo tronco uma trepadeira se enroscara, cingindo-o, e subira até o leque das folhas. Chegada à copa do coqueiro, a trepadeira, aberta em flor, pendia de todos os lados, balouçando molemente corimbos escarlates.

Serafim parou. Seu olhar, ordinariamente duro, inundou-se de uma infinita doçura; passou-lhe pelos lábios como que a sombra dum leve sorriso; ele deixou escapar, murmurada voluptuosamente, uma palavra solta, sem sentido:

— Assim.



Um murmúrio de vozes despertou-o da cismadora contemplação em que ficara enlevado por instantes. Dois homens, alterados numa altercação, disputavam perto, com palavras ásperas, furiosas.

Do ponto onde estava, Serafim não os podia ver. Contornando a encosta do morro, o caminho descia em zigue-zague. Serafim achava-se na parte superior do zigue-zague, a briga dava-se embaixo, na parte inferior, encoberta pelo barranco e pelo mato.

[113] As palavras, porém, chegavam-lhe distintamente:

— Canalha! Já disse e não retiro! — bradava uma das vozes.

— Canalha é você, ladrão! — respondia a outra.

— Não repita!

— Repito.

— Não repita, que lhe quebro a cara.

- Quais quebra nada.
- Tu não é homem pra mim...
- Sou homem pra dois como você.

Apressando o passo, Serafim dobrou a volta do caminho e avistou, no meio deste, os dois contendores. Conheceu um, o João do Caruara, antigo desordeiro, brigador avalentado. Grosso, entroncado, com a cabeça baixa, dava ares de touro que vai arremeter. Tinha a mão direita no cabo da faca suspensa à cintura. O outro, desconhecido para Serafim, fazia frente ao do Caruara, com o peito arquejante na camisa entreaberta, os olhos fuzilando, uma espuma de raiva nos cantos da boca. Com o braço direito estendido a todo o comprimento, a mão crispada segurava o cabo de um remo, cuja ponta apoiava com força no chão.

Serafim largou o baú e correu para apartar a briga. Mas a uma palavra obscena que o outro sibilara, o desconhecido ergueu raivosamente [114] o remo, armou uma pancada formidável que ia despedaçar a cabeça do adversário. Não teve tempo. Rapidamente, com uma agilidade felina, João do Caruara sacou da cinta a faca, cravou-lha no peito, saltou para trás, embrenhou-se no mato.

O remo bamboleou no ar, soltou-se da mão. Esta desceu bruscamente sobre a ferida, que jorrava sangue, pousou um momento, caiu inerte. O desconhecido, com a boca escancarada, de onde corria uma espuma sangrenta, com os olhos arregalados, como querendo saltar das órbitas, oscilou e caiu nos braços de Serafim, que chegava.

A facada varara o coração; a agonia foi curta. Quando conheceu que o ferido tinha expirado, Serafim arrastou o cadáver do caminho lavado de sol para a sombra, alfombrada de musgos, de um guapuruvu isolado entre

arbustos. Estendeu-o aí, fechando-lhe piedosamente os olhos. Apanhou a caixa dos aparelhos de pesca e o puçá, que o desconhecido largara no chão para brigar, e guardou-os, juntamente com o remo, escondidos numa moita de caraguatás. Em seguida, ficou um pedaço contemplando o morto e monologando:

— Não conheço esta cara. Coitado, teve a sua baixa do serviço na vida. Também é preciso ter a alma bem na flor da pele para [115] levar a breca assim tão de repente. Ah, paisano, se você tivesse andado por lá, como eu, havia de aprender a respirar mesmo com dois furos desses na barriga...

Foi buscar o baú, que deixara atrás, e seguiu. Ao passar na proximidade da sombra, onde deitara o morto, descobriu-se. Mas não disse mais nada. Ia já novamente absorvido, pensando em Thereza.

Chegado ao alto do morro, estacou. Espraiou um largo olhar, que abrangia tudo, sobre a casaria espalhada embaixo, salpicando, com os tons claros das paredes caiadas e o amarelo esfumaçado dos tetos de sapé, a verdura da vargem. Pela beira do jundu, na praia, que o mar agitado franjava de ondas espumantes, canoas descansavam sobre os rolos, redes secavam ao sol, estiradas nos varais. Ao longe, na fonte que descia do morro cascadeando, mulheres lavavam; e, dispersas aqui e ali, refugiam brancuras de roupas estendidas ao sol sobre o capim ondulante.

Num deslumbramento, Serafim esfregou os olhos. Parecia-lhe que despertava de um sonho. Era bem a sua praia que ali estava; era bem a sua vida de outrora, que revivia... Mas, a pouco e pouco, o seu olhar se foi fixando: no meio de todas as coisas [116] que recuperava, Serafim passou a ver unicamente a casinha branca entre pitangueiras, lá para o canto da praia, onde Thereza morava.



A primeira casa, quase encostada à aba do morro, era a do Manoel Pedro, principal personagem do lugar, prático em coisas do mar, homem de bom conselho nas coisas da vida e dono, além de tudo, da rede grande. O velho pescador exercia sobre a população da praia uma verdadeira autoridade de chefe de tribo, que todos espontaneamente lhe reconheciam. Em tudo a que se prendia um interesse coletivo cabia-lhe a iniciativa ou a direção.

Quando Serafim chegou, Manoel Pedro, sentado na soleira da porta, preparava para as pescarias do costão, descascando-a pachorrentamente, uma vara queimada de bacupari. Serafim aproximou-se e, postado em frente do pescador, perguntou-lhe:

— Então, sr. Manoel, não me conhece?

O outro fitou-o com um olhar frio e abanou negativamente a cabeça.

— Sou Serafim.

Manoel Pedro encostou a vara de bacupari, levantou-se, estendeu a mão:

[117] — Pois seja bem-vindo.

E com os pequenos olhos pardos fitos no rosto do ex-soldado:

— É mesmo, é Serafim. Pois não reconheci. Também, quem haverá de dizer. Você saiu daqui rapazote, diziam que tinha morrido na guerra. E agora, de repente, aparece vivo, homem feito, de barba na cara. Vamos entrar.

E deu o exemplo. Serafim, depondo no chão o baú, seguiu-o. E Manoel Pedro, encarando-o risonho:

— Ora, já se viu como a barba muda a feição de uma pessoa. Sente, que eu vou mandar arranjar café.

E entrou para o interior da casa, deixando Serafim só, no meio da sala, sem dar ao ex-soldado tempo de contar-lhe que havia ali perto o corpo de um assassinado. Ansioso por fazer a comunicação, desembaraçar-se e seguir para diante, Serafim nem se sentou. Esperou de pé pelo pescador, que voltou logo, seguido por um pequeno de dez anos, cujo olhar curioso ficou parado, fixando com ingênua admiração a figura do hóspede.

— Sente — insistiu Manoel Pedro — O café tem pouca demora, mas você há de vir cansado do estirão que andou do Buracão até aqui.

[118] Serafim sentou-se.

— Topei com um homem morto, quase no caminho, perto daqui...

— Um homem morto?

— Matado. Com uma facada.

— Conheceu quem era?

— Não conheci.

— Quem será? — murmurou Manoel Pedro, apreensivo.

E depois de uma pausa:

— É preciso ir buscar o corpo. Vá ali no compadre Camilo — disse, dirigindo-se ao pequenote — e avise a ele que chegue aqui. É caso de pressa.

E voltou para o interior da casa, de onde trouxe, acabando de enrolá-lo, um pano de vela.

Camilo chegou, ficou inteirado em poucas palavras do que havia. Os dois pescadores pediram a Serafim que os acompanhasse para guiá-los ao ponto em que se achava o cadáver. Saíram os três.

— Que notícias me dão do meu padrinho? — perguntou Serafim.

— Morreu de umas maleitas brabas, vai fazer três anos pela quaresma — respondeu Manoel Pedro. — E foi pena, porque era rijo e haveria de botar longe, se não fosse a doença.

[119] Serafim não disse nada; apenas se lhe assombrou levemente o rosto. Depois de um curto silêncio, tornou a perguntar:

— E o José Benedito?

— Vai bem.

Era o pai de Thereza. O nome desta subiu do coração de Serafim para os lábios: ia pronunciá-lo, pedir notícias dela. Mas o seu acanhamento de retraído venceu-o. Veio-lhe uma súbita repugnância de revelar a ansiedade que sentia, de fazer a dois estranhos a confidência do seu amor. Arrependeu-se mesmo de ter perguntado por José Benedito, mostrando por este um interesse em que se traía o seu afeto pela filha.

E calou-se.

Enquanto galgavam a subida do morro, Manoel Pedro e Camilo iam interrogando Serafim. Metido consigo e brusco, como sempre, o ex-soldado respondia-lhes em frases curtas, às vezes por monossílabos. Ao fim de vinte minutos de caminho e de perguntas, os dois pescadores sabiam da vida de Serafim e da guerra, pouco mais do que na véspera.

Chegaram junto do guapuruvu, a cuja sombra jazia o cadáver.

— Anselmo! — bradou Camilo recuando, espantado, ao reconhecer o morto.

[120] — É o Anselmo — confirmou Manoel Pedro. — Coitado, rapaz de poucos anos e de tanta vida, com dois filhos...

E, de repente, o seu olhar, exprimindo uma ideia vaga que se acentuava, que tomava corpo, passou da figura do morto para o rosto de Serafim, do rosto de Serafim para os olhos de Camilo. Este compreendeu, sem dúvida. Quando o ex-soldado se abaixava, estendendo o braço para tirar da moita de caraguatás, onde os escondera, a caixa, o puçá e o remo do morto, apareceu-lhe ao longo da manga uma mancha de sangue ainda fresco, que lhe ficara por ter amparado o moribundo no momento do assassinato.

Camilo, disfarçadamente, mostrou a Manoel Pedro aquele sangue, dizendo em voz baixa:

— Olhe, compadre.

O outro olhou. E, também em voz baixa, murmurou:

— Já reparei.

Estenderam o pano da vela; nele puseram o cadáver. Camilo e Manoel Pedro carregaram a rede improvisada. Atrás, Serafim conduzia os objetos do morto.

— Como é que você pôde dar com o corpo assim afastado do caminho? — perguntou, [121] subitamente Manoel Pedro, parando e voltando o rosto para Serafim.

Este demorou em responder. Não desejava, de forma alguma, ser denunciante; e por isso evitara contar que assistira ao assassinato, que tomara no caso uma parte qualquer. Sem entrar em explicações, havia-se limitado a dizer laconicamente que encontrara um morto. E agora a pergunta de Manoel Pedro embaraçava-o.

Os dois pescadores ficaram olhando para Serafim; os seus olhos procuravam na fisionomia do ex-soldado a resposta que este estudava e estava tardando a dar. Afinal, Serafim explicou:

— Não vê que eu quis ver a cachoeira, no ponto em que ela cai da laje, ali adiante. Entrei no mato. Logo nos primeiros passos, dei com o morto.

Era uma resposta. Os dois ouviram-na em silêncio e recomeçaram a andar.



As duas notícias emocionantes, de que ressuscitara Serafim e de que havia sido ali perto morto um homem, que ainda se não sabia quem era, corriam já na praia toda. Serafim, Manoel Pedro e Camilo encontraram [122] apinhadas à boca do caminho umas vinte pessoas, ansiando de curiosidade.

Houve rápidas palavras de boas-vindas dirigidas a Serafim. E cada um exprimia o seu espanto e a sua compaixão ao reconhecer no semblante desfigurado do morto as feições de Anselmo. Explodiram frases de indignação contra o desconhecido assassino, conjeturas sobre quem seria, ameaças vagas, pragas rogadas com furor.

O corpo foi deposto sobre um catre forrado de uma esteira na sala de Manoel Pedro. E, enquanto a um aceno do velho pescador, vários homens, dos mais idosos, o acompanhavam para uma sombra de murteiras, na frente da casa, onde ficaram conferenciando em voz baixa, a mulher de Manoel Pedro dirigia-se a Serafim:

— O café está quentinho. Sente um pouco, que já vem.

Serafim sentou-se e esperou.

Pela janela aberta, via o grupo de pescadores que conferenciavam animadamente. O burburinho das palavras, pronunciadas em segredo, chegava-lhe confusamente ao ouvido. Serafim apenas compreendia que se tratava da morte de Anselmo, de conjeturas sobre o autor ignorado do crime, de providências a tomar.

[123] — Há de ser bem custoso — pensava ele — atinarem que foi o João do Caruara. Ninguém viu, senão eu; e ele não deixou sinal nenhum...

Depois da pequena demora, o café veio. Serafim esgotou a tigela de louça branca com ramagens cor-de-rosa e levantou-se.

— Obrigado, sinhá Rita. Até logo, todos.

E saiu.

Quando fora da porta, abaixava-se para apanhar o baú, que deixara no chão, chegou-se-lhe Manoel Pedro, acompanhado dos demais pescadores; e, batendo-lhe no ombro, o velho disse-lhe com voz firme:

— Esteje preso.

Serafim olhou estupefato. Não podia acreditar que o pescador falasse a sério; mas não lhe parecia também que a ocasião fosse própria para um gracejo.

— Preso, eu? — perguntou entre espantado e incrédulo.

— Você mesmo.

— Preso por quê?

— Porque foi você que matou o Anselmo.

E vinte vozes apoiaram Manoel Pedro:

— Decerto que foi!

— Não foi outro!

— Ninguém é cego pra não ver o que está [124] entrando pelos olhos!

— Não negue, que é asneira!

Todos os presentes, cujo número aumentava sem cessar com os que vinham chegando, cercaram Serafim. Um coro tumultuoso de imprecações, um granizo de frases que o condenavam, caiu sobre a sua cabeça.

— Vejam só, foi à guerra aprender a ser matador.

— Soldado sempre foi gente de má casta.

— E este, então, que sempre foi um boi sonso, um casmurro de cara torcida.

— Nem bem chegado, já matou um.

— Deve ir preso!

— Há de ir!

— Há de ir!

— Esteje preso — repetiu Manoel Pedro.

Serafim sacudiu os ombros, no gesto de quem cede a uma força maior do que a sua vontade.

Para desfazer aquela acusação absurda, para aplacar aquele assanhado furor da gente de sua terra que contra ele tempestuava logo no momento da sua chegada, não tinha outro recurso que não fosse dizer o nome do assassino, contar o caso como o presenciara. Repugnava-lhe vivamente o papel de denunciante. Mas o que fazer? Não tinha outra defesa. E resolveu:

— Pois eu sei quem matou o homem. Foi...

Mas, interrompeu-se, engoliu o resto da frase. Por entre os troncos de murteiras, [125] caminhando para o lado dele, aparecera Thereza. A alma de Serafim concentrou-se, resumiu-se toda no olhar, que se embebeu na figura da moça. Pareceu-lhe esta mais bonita do que nunca, no

desenvolvimento das formas opulentas, no brilho dos grandes olhos pretos, numa desmaiada palidez que a fazia mais branca, branca de mármore.

Nas feições alteradas de Thereza, Serafim adivinhou, sentiu, viu toda a ternura de outrora, ardente e fiel, revelando-se na comoção em que a sua chegada imprevista alvoroçava o coração da noiva.

E deu um passo para Thereza.

Mas a moça, com andar incerto em que os tamancos arrastavam no chão, passou por Serafim sem olhar, entrou à porta, foi direita ao cadáver de Anselmo e, atirando-se sobre ele, debulhada em pranto, abraçando-o e beijando-o, num desprezo que lhe fazia tremer o corpo todo, teve um grito lancinante:

— Meu marido!...



Mulheres e crianças, ao contágio da dor de Thereza, romperam então numa vozeria de gemidos, num coro de lamentos. Frases soltas, em vozes entrecortadas de choro, comentavam [126] o fim triste do morto, relembravam as suas boas qualidades, lastimavam a sorte da viúva, com os seus dois filhinhos sem pai...

Serafim viera até a porta. Com os braços abertos, as mãos firmadas nos dois batentes, via e ouvia tudo, assombrado, num atordoamento. Só aos poucos o seu cérebro foi saindo do torpor em que o submergira o imprevisto, o espantoso da cena. Começou, afinal, a compreender, num desalento em que tudo parecia desmoronar-lhe em cima, a terrível, irremediável situação: Thereza, esquecida do seu amor nos braços de outro;

o morto, recebendo ali, diante de seus olhos, toda a apaixonada ternura que ele, Serafim, contava encontrar fiel; a natural suspeita, tão servida pelas circunstâncias do acaso, que o apontava como assassino do que se tornara marido de sua noiva...

De repente, Thereza ergueu-se. Voltada para Serafim, com os olhos fuzilando ódio, num gesto desesperado, em que atirava as mãos acima da cabeça, bradou:

— Malvado! Matador, malvado!

E tornou para o morto, caiu sobre ele, abraçando-o e beijando-o sofregamente, afogada em soluços.

Serafim abaixou a cabeça, deixou pender os braços.

[127] Em seu coração esmagado começou a surgir um sentimento estranho. Olhou para as próprias mãos, viu-as limpas, e teve pena, pena de que não estivessem tintas, ensopadas no sangue de Anselmo... Pareceu-lhe que lhe seria delicioso ter sido ele mesmo o verdadeiro assassino, ter varado ele mesmo o coração daquele que, vivo, lhe roubara a noiva; morto, ainda o esbulhava do desesperado carinho, da arrebatada paixão que ali soluçava e se estorcia; e, mesmo enterrado, apodrecido debaixo do chão, estaria ainda assim vinculado para sempre ao coração e à vida de Thereza pelos dois filhos que lhe deixava...

Fitando a moça, que abraçava furiosamente o cadáver e alagava de lágrimas e cobria de beijos o rosto desfeito do marido, Serafim pensava:

— Devia ser eu! Devia ser eu! O João do Caruara se adiantou, tomou uma tarefa que era minha...

A ideia de ser para sempre, aos olhos de todos, o assassino de Anselmo, penetrou-o de uma dolorosa voluptuosidade. A perspectiva da

força ou das galés atraiu-o com uma atração vertiginosa de abismo. Invadiu-lhe a alma, apoderou-se de toda ela, uma desesperada sede de sofrimento, de mais, de mais sofrimento...

[128] Voltando-se para os homens, que desde a chegada de Thereza se conservavam mudos e imóveis, fora da porta, Serafim falou:

— Fui eu mesmo. Matei quem roubou minha noiva... Matei, está acabado. Se ele tivesse outra vida, eu matava outra vez... Podem me levar pra Justiça.



FICHA TÉCNICA

Coordenação geral: Júlio França e Oscar Nestarez

Coordenação de pesquisa: Daniel Augusto P. Silva

Revisão textual: André Azevedo de Alvarenga

Preparação: Malu Schocair

Comunicação Digital: Rebeca Riga

Design gráfico: Renata Luz e Ana Giulia Mussury

Tênebra

Biblioteca digital de
narrativas obscuras
brasileiras

